

O êxito e o fracasso

JOSÉ SARNEY

Muitas causas nos dividiram. Mas esta que vivemos não pode ser um divisor de águas. Esse doloroso processo é grande demais. Façamos tudo para que ele não seja uma muralha de separação na política brasileira. Fora do índice dos nomes do relatório da CPI, não devemos catar êxitos e fracassos, vencedores, vencidos. Nem o tripúdio sobre aqueles a quem o destino reservou um encontro amargo.

Os processos dessa magnitude não são inéditos e marcaram a nossa história. O que é diferente, inédito e inconcebível neste caso são os fatos que lhe deram origem. Por isso mesmo devem ser enfrentados com serenidade. Não tiveram origem partidária, não é uma luta de partidos ou facções. O que mobilizou o país, num momento de brilho de nossa história, foi a sociedade se impondo contra a corrupção e a impunidade. Mesmo os que apoiaram o Governo e o apóiam não estão defendendo a sordidez. Eles não tinham conhecimento do abismo que se abria nos meandros mais claros e inacreditáveis do Governo.

Agora, o mais importante a fazer, para a construção de um sistema político imune a essas práticas, é uma reflexão em torno do bem comum. Devemos escolher o caminho mais difícil, o de trabalhar na direção de restaurar a confiança na seriedade. Os processos políticos conturbados são como as águas dos rios nas enchentes, que fazem aflorar objetos que estão afundados, parte do leito invisível, do mundo das trevas. Quando as águas se acalmam, eles voltam para as profundezas. Cumprem seu ciclo, é matéria de segunda categoria.

Nunca tivemos uma situação como a que se delineia e que recebe uma repulsa quase unânime das ruas. Dom Pedro I, na Abdicação, tinha seguidores. As lágrimas de Barbacena são lembradas pela História, embora não muito limpidas. Não vamos falar de Pedro II, exilado às escondidas. Getúlio Vargas e João Goulart tinham adeptos, pessoas dispostas a defender suas causas, que eram ideais políticos. Hoje, nem mesmo o Ministério pode defender a causa. Procura usar na defesa do processo as filigranas jurídicas, porque o fato em si, a moralidade pública, não pode ser objeto de questionamento.

Não há como argumentar sobre as vacinas que se devem tomar contra estes males. Ainda não foram descobertas. O poder tem suas seduções, tentáculos, garras, artimanhas, que, mesmo os mais experientes, dele são vítimas. É preciso estar vigilante. Lembremos de novo os testamentos: Vigiai! Vigiai! O demônio até a Cristo ofereceu todos os prazeres do mundo.

A carreira política mais rápida e brilhante da História brasileira foi a de Getúlio Vargas. Em 1923, cumpria o modesto destino de respeitado advogado de província. Borges de Medeiros o inclui na chapa do Partido Republicano à Câmara dos Deputados. Quase anônimo, fica no Tiradentes. Não teve que disputar com ninguém

nem passar por cima de adversários. A sorte, companheira do êxito, leva-o em pouco tempo a presidente da Comissão de Justiça, das Finanças. Líder de bancada, ministro da Fazenda, presidente da Província do Rio Grande do Sul, chefe da Revolução de 30, ditador, presidente de novo. No cenário federal muda a sua personalidade, de homem austero e resoluto passa a ser o esperto, o sorriso do velhinho, a raposa. Ninguém ocupou o poder durante tanto tempo quanto ele. Mesmo em nível mundial, de reis, imperadores, tiranos, poucos governaram tanto tempo. Até aí, o seu êxito. Mas não escapou ao infortúnio. Terminou só, envolto numa crise que o levaria ao suicídio. Os perigos de quem governa!

O mesmo aconteceu com Balmaceda, no Chile, e com Gusmán, na República Dominicana. Jânio Quadros repetiria, depois, a vertiginosa carreira de Vargas. Chegaria à Presidência com pouco mais de 40 anos, após ser vereador, prefeito, governador e deputado. Na noite da renúncia, ei-lo solitário, envolto em suas sombras e perseguido de seus demônios. Suas agruras eram políticas. Temos Jango Goulart, também deposto por um processo de acusações ideológicas, obrigado a exilar-se.

Todos esses homens julgaram que o interesse da Pátria exigia gestos de grandeza. A Presidência deve ser vivida entre o imponderável e a realidade. O êxito e o malogro não estão na escala de valores de quem ocupa tão alto cargo. O que são o êxito e o fracasso nessas paragens? Com o tempo, todos seremos uma mancha horizontal de ossos, julgados pelas mãos inexoráveis da História e, a esta, ninguém sobreviverá.

A mídia criou uma nova categoria do êxito, que se chama "o império do efêmero", expressão de Lipovetsky. É a glória momentânea de cantores, políticos, atletas, artistas de todos os gêneros. Nada é definitivo. Faz parte da vida e há a hora da verdade. Neste mundo, afirma Vicente Verdú, ser jovem é ser um torvelinho.

Que é crise? É um problema que atinge um grau proxímico. Uma coisa que você gostaria de evitar. No momento, o Brasil vive uma grande crise. O presidente está sofrendo com ela, não há como duvidar, vítima dos seus sortilégios. Mas há outro fato que nada tem a ver com crise. É o fato de um país, maduro, dono de seu destino, o seu povo livre, nas suas instituições, estar lutando por princípios morais, por uma grande causa.

O Brasil sairá deste tempo para ocupar o seu grande lugar neste mundo atual de transformações. Não vai sair sujo, porque seria a desgraça total, o caminho do imponderável e do imprevisível. Teria, como dizia Otto Lara Resende, de dissolver o povo. Sairemos com os remédios da Constituição, com a sintonia da sociedade, com respeito do mundo e restaurando a auto-estima.

Que grande país, o Brasil, que se veste de preto, canta para não chorar, e rasga o coração para encontrar as cores verde e amarela.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letras e senador pelo Amapá.

